

**O TEXTO DE QUADRINHOS E O
CONTINUUM ORAL/ ESCRITO**

Maria da Penha Pereira Lins (UFES)
penhalins@terra.com.br

1. O gênero quadrinhos

Os textos de quadrinhos apresentam um caráter de sincretismo, uma vez que combinam itens verbais com visuais. Um aspecto interessante é que o componente verbal neles contido caracteriza-se por se constituir num texto escrito com o objetivo de “reproduzir” a língua falada, atualizada nos diálogos construídos nas interações levadas a efeito entre os personagens.

Tanto o texto escrito quanto o falado têm sido estudados sob diferentes enfoques por especialistas: ora analisam-se textos escritos, que centram seus interesses sobre os processos cognitivos no fluxo da fala e da escrita; ora sobre a organização tanto de uma quanto de outra, ora sobre a descrição de gêneros mistos em que índices da fala aparecem na escrita e vice versa.

No entanto, não se tem conhecimento de uma descrição da “língua dos quadrinhos”, no que se refere ao caráter de complementaridade entre componentes verbais e visuais. Os diálogos parecem estar no entremeio do oral com o escrito: constituem um texto que é planejado para parecer não planejado, ou seja, parece haver a preocupação de se construir uma espontaneidade verbal, como um “parecer ser”, que é minuciosamente planejado anteriormente. O texto de quadrinhos representa um gênero discursivo que não é oral, mas é oral, porém se atualiza na escrita e se completa com o visual. É um texto para ser lido, mas com a intenção de se fazer escutar, o que o inclui dentro da questão do *continuum* fala – escrita.

Esse caráter de informalidade dos textos de quadrinhos e sua elaboração fragmentada, principalmente no que se refere a tirinhas diárias, faz a aproximação deste tipo de texto com o texto falado, uma vez que a tira é constituída de quadros e os tópicos são desenvolvidos dia-a-dia, de tira para tira, numa sequência em que inser-

ções e mudanças de assuntos promovem continuidades e descontinuidades em sua organização global.

2. Construção de sentido no texto falado e no escrito

Os estudos sobre oralidade e escrita geralmente enfocam essas duas modalidades de uso da língua sob duas perspectivas: planejamento/não planejamento e envolvimento/não envolvimento.

No que diz respeito a planejamento, Ochs (1979), fazendo um paralelo entre a linguagem da criança e a linguagem do adulto, cita estudos anteriores que sugerem que a criança produz uma versão imperfeita da fala do adulto. A criança passaria por estágios, até chegar à competência do adulto. Desse modo, no seu desenvolvimento linguístico, a criança abandonaria enunciados mais simples, de uma só palavra, por exemplo, e assumiria enunciados mais complexos, de maior extensão e de maior complexidade sintática, ou seja, ela passaria a utilizar mais meios sintáticos e menos meios discursivos; esse seria o modelo de substituição. Sob outra perspectiva, as estratégias adquiridas não seriam abandonadas, ficariam disponíveis e emergiriam sob certas condições comunicativas; esse é o modelo de retenção.

Para Ochs, ser competente em sua língua é aumentar a escala potencial de estruturas disponíveis para uso. Os padrões comunicativos anteriores coexistiriam com estágios adquiridos recentemente, ou seja, o desenvolvimento da linguagem é o desenvolvimento de potencialidades. Embasada nessa afirmativa, a autora apresenta um modelo alternativo para o desenvolvimento da linguagem, que pode dar conta tanto da linguagem da criança, quanto da linguagem do adulto. Para ela, não é só no período de desenvolvimento que estratégias anteriores são mantidas. Adultos também levam em conta uma série dessas estratégias sob condições contextuais específicas. A principal condição que afeta a confiança em padrões comunicativos anteriores é se a comunicação é planejada ou não antes de sua expressão. É comum adultos, sob certas condições contextuais, em comunicação espontânea e relativamente imprevisível, confiarem em estratégias adquiridas mais cedo. De modo similar, na escrita, o fluxo da consciência em cartas informais, por exemplo, mostram essa confiança. Já em comunicações linguísticas mais planejadas, como a

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

escrita expositiva, constata-se maior uso de estruturas adquiridas mais tarde. Isso parece mostrar um desejo de integrar as dimensões psicológica e sociológica no comportamento linguístico, na medida em que o uso de classificações como casual, espontâneo, não planejado remetem à sociolinguística; e o fato de falantes não planejarem seu discurso e recorrerem a habilidades que adquiriram na infância e, por outro lado, planejarem e usarem habilidades que adquiriram através da educação formal remete à psicologia.

Para analisar textos de narrativas orais e escritas, Ochs (1979) estabelece definições de planejado e não planejado: discurso não planejado é o que não tem premeditação e preparo da organização; discurso planejado é o que é pensado e organizado antes de ser produzido. Refinando essas definições, tendo em vista o fato de muitos discursos encontrados em comunicações no dia-a-dia não se encaixarem em nenhum desses extremos, a autora prefere falar em discursos relativamente não planejados e discursos relativamente planejados.

Ochs (1979) remete a Hymes (1962), Grice (1975) e Jakobson (1960), para lembrar que a linguagem serve a uma variedade de fins; não é só usada para articular proposições, mas para manifestar deferência, controlar a interação, persuadir, confortar, impressionar, antagonizar, intimidar, etc. Por isso, para caracterizar o discurso simplesmente em planejado e não planejado, é preciso levar em conta as situações sociais.

Assim, discursos mais planejados são aqueles cujos atos são previstos em toda a sua forma; discursos menos planejados são aqueles nos quais somente certos atos são previstos no curso de sua produção. De modo geral, discurso escrito pode ser mais planejado do que a fala espontânea. Na escrita o comunicador tem mais tempo para pensar o que vai ser veiculado, além disso, ele pode reescrever e reorganizar o discurso muitas vezes antes de ser comunicado. As narrativas orais não são planejadas, no sentido de que os falantes não sabem com antecedência o que vão contar. Desse modo, em relação ao discurso não planejado, a autora sumariza: a) uma proposição é transmitida através de uma série de enunciados; b) os argumentos e seus predicados são frequentemente ligados através de sua posição no discurso, mais do que através de meios sintáticos; c) uso

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

frequente de repetições; d) tendência a usar itens lexicais com traços fonológicos semelhantes; e) uso de estruturas morfossintáticas relativamente simples. Pode haver casos em que o produtor do texto escrito, intencionalmente, planeja um discurso para parecer não planejado.

No que concerne ao fator envolvimento não envolvimento no discurso, Tannen (1985), analisando textos orais e escritos, levanta a questão do envolvimento em um e noutro tipo de texto. Considera que há um continuum que reflete, no discurso oral, uma relativa focalização no envolvimento entre os participantes da interação e, no discurso escrito, uma relativa focalização no conteúdo. Baseada em pesquisa que fez anteriormente, Tannen explica que o fato de se priorizar a interação ou o conteúdo atende a modos culturais convencionalizados e mostra que estratégias da escrita podem aparecer na oralidade e vice versa; apontando para a existência de um continuum entre o oral e o escrito.

Chafe (1982) observa que quando escrevemos temos tempo de integrar uma sucessão de ideias dentro de um todo linguístico, o que não podemos fazer quando falamos. Quando falamos, normalmente produzimos uma ideia de cada vez, porque é o quanto aparentemente temos a capacidade de prestar atenção; quando escrevemos podemos organizar uma sucessão de ideias dentro de um todo integrado, complexo e coerente, fazendo uso de recursos que raramente usamos na fala. Para o autor, a língua escrita tende a ter uma qualidade de integração, que contrasta com a qualidade de fragmentação da língua oral.

A fragmentação da língua falada mostra um uso corrente de união de ideias sem o uso de conectivos, ou, quando aparece conectivo, os mais frequentes são o “e”, o “mas”, o “assim” e o “porque”, que aparecem no início da unidade de ideias.

A integração refere-se ao acondicionamento de mais informação dentro de uma unidade de ideia, o que é impossível na língua falada, devido à rapidez de espaço de uma simples cláusula. Na integração, podemos encontrar nominalizações, frases preposicionais, participios, adjetivos, construções paralelas, enumerações, sequências de frases proposicionais, complementos oracionais e orações ad-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

jetivas. Isso é possibilitado pelo tempo de que se pode dispor para escrever.

Enquanto a língua escrita favorece um distanciamento, evidenciado pelo uso de passivas e de nominalizações, a língua falada mostra uma variedade de manifestações de envolvimento que o falante pode ter com seu interlocutor. O uso de partículas enfáticas, o recurso de poder monitorar o fluxo da informação, o uso de citações diretas propiciam maior envolvimento na interação.

Sumarizando, pode-se classificar o discurso oral, principalmente o da conversa espontânea, como um discurso relativamente não planejável de antemão, o que, em princípio, tornaria difícil prever a forma e a direção do assunto para a sequência inteira (KOCH, 1991). Já o discurso escrito leva a pensar numa organização prévia da ideia ou do conjunto de ideias a serem transmitidas pelo comunicador (OCHS, 1979). Afirma-se haver mais envolvimento entre participantes da interação na fala e mais distanciamento na escrita (TANNEN, 1985). Na interação face-a-face, a preocupação dos interlocutores parece estar centrada no desenvolvimento da interação em si; já na escrita, o foco parece estar no assunto discutido.

Partindo das afirmações sumarizadas acima, (KOCH, 1992) relaciona as seguintes características distintivas mais frequentemente apontadas entre as modalidades escrita e falada da língua: a fala é não planejada, fragmentária, incompleta, pouco elaborada, tem predominância de frases curtas, simples ou coordenadas e apresenta pouco uso de passivas; a escrita é planejada, não fragmentária, completa, elaborada, tem predominância de frases complexas, com subordinação abundante e mostra emprego frequente de passivas.

No entanto, previne a autora, essas diferenças nem sempre distinguem as duas modalidades, até porque existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, de acordo com determinadas situações comunicativas. A escrita formal e a fala informal constituem pólos opostos de um *continuum*, ao longo do qual se situam diversos graus de planejamento de interação verbal.

A aparente fragmentação do discurso oral se explica pelo fato de a elaboração se dar no próprio desenrolar da conversação e é de-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

corrente da quase simultaneidade entre a manifestação verbal e a construção do discurso e, ainda, pela conseqüente rapidez de sua produção. O movimento rápido com que o locutor constrói sua fala influi diretamente no gerenciamento do fluxo informacional, conduzindo a descontinuidades, que são descompassos no fluxo da informação (KOCH *et alii*, 1992).

Para ilustração da relação oral/ escrito e a progressão temática em textos de quadrinhos, apresenta-se a seguir uma breve análise de uma seqüência de tiras do Gatão de Meia Idade, personagem criada por Miguel Paiva.

3. O gatão de meia idade

O Gatão de Meia Idade é um personagem criado por Miguel Paiva (1950), carioca, profissional do Cartum desde os dezessete anos. Gatão é um homem de quarenta anos, que representa o homem mutante, ambíguo, moderno, que vive os conflitos com a própria idade. Está sempre ocupado em entender o universo feminino e mostra-se perplexo perante os novos tempos, com um novo mundo que se lhe apresenta cheio de mulheres liberadas e independentes, separações conjugais, visitas a filhos, guerras e muita violência, de modo geral. É definido por seu criador como “*o retrato preciso das contradições do nosso tempo*”, “*com seu rabo de cavalo e uma discreta angústia por chegar aos quarenta anos, o Gatão expõe sua malícia para sobreviver no mundo dos descasados, com descontração, irreverência e muito charme*” (PAIVA, 1995).

Os assuntos desenvolvidos nas interações encenadas nas tirinhas mostram um homem maduro diante de um mundo em transformação. Temáticas em torno questões masculinas em contraponto com femininas parecem ser as preferidas do autor. Para expandir assuntos dessa temática, usa o recurso retórico das perguntas e respostas. O componente visual funciona como argumento de reforço, uma vez que, de certa forma, apresenta-se redundante ao que é posto nas perguntas e respostas.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

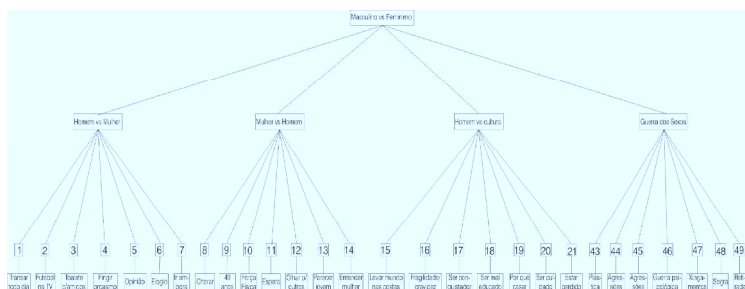
4. O continuum oral/ escrito e a progressão temática em o gatão de meia idade

Na série de tirinhas selecionada para esta análise, publicadas em O Globo, no período compreendido entre agosto e outubro de 2001, os assuntos abordados giram em torno da relação homem/ mulher nos tempos atuais. Dois quadros tópicos são bastante desenvolvidos: Masculino versus Feminino e Novos Tempos. No primeiro, as interações encenadas apresentam questionamentos sobre o comportamento da mulher e do homem, culminando com uma abordagem sobre a guerra dos sexos. No segundo, as reflexões tratam dos problemas do mundo moderno: guerra, violência, terrorismo, novos comportamentos sociais, depressão.

Especialmente no tocante aos assuntos referentes à relação homem/ mulher, o autor organiza os segmentos tópicos utilizando-se de um recurso retórico, que é o de perguntas e respostas combinadas com o elemento visual. Nesse caso, o visual funciona como argumento de reforço, uma vez que, de certa forma, apresenta-se redundante ao que é posto nas perguntas e respostas. Essa combinação parece mostrar a intenção do autor em firmar sua posição em relação ao que foi abordado na tira, uma vez que não deixa margem para implícitos. Além desse recurso retórico, trata da eterna discordância que existe entre os sexos masculino e feminino de modo metafórico, fazendo analogia com a guerra.

Interessante notar que Miguel Paiva, em Gatão de Meia Idade, desenvolve os subtópicos dentro de uma ordem sequencial rígida. Só inicia um novo assunto, após o esgotamento do anterior. É uma ordem que pode ser classificada como prototipicamente linear, ou seja, cada subtópico reúne segmentos tópicos contíguos, só passando a outro subtópico depois de esgotado o anterior. Desse modo, a impressão inicial que se tem é de uma organização bem elaborada, sem a percepção de aparente caos, sentida na observação de sequências de outros autores de tiras diárias de quadrinhos.

O gráfico demonstrativo do desenvolvimento do quadro tópico Masculino versus Feminino, apresentado a seguir, possibilita a visualização da sequencialidade dos segmentos na composição dos subtópicos “questionamentos sobre a mulher”, “questionamentos sobre o homem”, “homem versus cultura” e “guerra dos sexos”.



Conforme exemplificado no gráfico acima, observa-se que os segmentos de cada subtópico aparecem contíguos, diferentemente de seqüências de outros autores de tiras de quadrinhos, em que a organização dos segmentos apresenta-se de forma caótica, o que os aproxima com a organização de textos de fala espontânea. A não contigüidade de segmentos de textos falados parece ser gerada por fatores pragmáticos e/ou pressões relativas ao desenvolvimento da interação, o que, também, parece ser a intenção dos produtores de quadrinhos.

Levando-se em conta a organização dos segmentos tópicos na sua linearidade, do ponto de vista global, e considerando que são textos com planejamento prévio, pode-se pensar, em princípio, num texto que apresenta continuidade tópica regular, com uma hierarquia bem definida em sua construção, explorando um determinado assunto nas suas mais diversas abordagens, através de operadores responsáveis pela coerência discursiva. No entanto, numa observação mais atenta, pode-se perceber numa seqüência de quadrinhos uma organização mais próxima de um texto falado. Alguns tópicos ganham maior proeminência, expandindo-se em diferentes abordagens; tópicos em foco sofrem rupturas, causadas por inserções, e são posteriormente retomados, aparentando certo “relaxamento”, uma provável fragmentação em relação à construção estrutural do texto. No que concerne ao texto falado, esse “relaxamento” é justificado pelo fato de os interlocutores estarem em situação face-a-face, o que caracteriza condição diferente de produção de texto escrito, uma vez que a presença física de locutores no ato da produção da fala oportuniza esclarecimentos e explicações, além de contar com o auxílio do contexto pragmático no qual se dá a interação verbal. Na progressão temática do texto falado conjugam-se fatores diversos, associados ao

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

contorno pragmático do discurso oral, que se manifestam na organização do fluxo informacional e na apresentação formal da unidade discursiva (KOCH *et alii*, 1991).

O texto de quadrinhos, um texto escrito, mas que se propõe apresentar a língua na modalidade oral, tem, na sua constituição, um elemento que parece ser o responsável pelo alcance desse objetivo. É o componente visual que, assim como nas interações face-a-face, influencia na produção discursiva, no sentido de que o texto se constrói dentro de um determinado cenário, acontece num tempo aqui e agora e conta com as reações imediatas dos participantes. Desse modo, a linguagem tende a se aproximar da oral, pelo caráter de informalidade, e o texto, como um todo, apresenta características típicas de um texto falado.

O leitor assíduo de tiras de quadrinhos percebe, às vezes, por um detalhe apenas visual, seja do cenário, seja das expressões fisiológicas dos participantes da interação, que o tópico da tira anterior, ou de tiras anteriores, vai ter continuidade na tira do dia posterior. Isto é, as marcas de continuidade do tópico discursivo em desenvolvimento não são apenas linguísticas, como ocorre em textos escritos; são também visuais.

Entretanto, na sequência de tiras analisada, observa-se que Miguel Paiva anuncia a introdução de seus tópicos através de um “texto de cabeça de tira”, uma espécie de legenda, em forma de enunciados retóricos que avisa ao leitor que novo assunto será desenvolvido. A repetição do texto de cabeça de tira em todas as tiras que constituem um mesmo subtópico serve, também, para indicar a continuidade temática. Cada subtópico é meticulosamente demarcado por esse texto em toda a sua extensão, fato que o assemelha a um texto escrito.

No que diz respeito ao continuum oral/escrito, observa-se que o texto de quadrinhos, que é previamente construído, atende às características de texto escrito, no que se refere a seu planejamento; mas, por outro lado, atende, também, às características de texto falado, no que se refere a seu produto final. Isto é, a pretensão de se apresentar como um texto falado, como resultado de seu formato dialogado e uso de estratégias interacionais, permite situá-lo entre os dois pólos desse continuum. Essa constatação pode ser feita a partir

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

da organização tópica, pois, consideramos que, de outro modo., poderíamos apenas explicar o caráter informal da modalidade linguística, que caracteriza esses textos.

Apesar da tendência mais geral de aproximação de textos de quadrinhos com o texto falado, podem ser observados casos que se aproximam do pólo de uma escrita mais planejada. È o que se verifica na sequência de tiras de Gatão de Meia Idade. A progressão parece ser feita sob total controle de seu autor, haja vista o uso de legendas, a introdução de novo tópico após o esgotamento do anterior e o uso de atos linguísticos retóricos no desenvolvimento temático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAFE, W. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. In: TANNEN, D. *Spoken and written language*. Norwood: N. J. Ablex, 1982.

KOCH, Ingedore V. Organização tópica da conversação. In: _____. *A interação pela linguagem*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. A progressão textual. In: _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Digressão e relevância conversacional. In: *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, Nº 37. jul/dez. 1999.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *et alii*. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, 1992. v. 2.

_____. *et alii*. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, 1991. v. 1.

LINS, Maria da Penha P. *O humor em tiras de quadrinhos*. Vitória: Grafer, 2002.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

_____. *Organização tópica do discurso de tiras diárias de quadri-nhos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2004.

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (ed.) *Syntax and semantics*. V. 12. *Discourse and syntax*. [New York]: New York Academic Press, 1979.

TANNEN, D. The oral/ literate continuum in discourse. In: TANNEN, D. *Spoken and written language*. Norwood: N. J. Ablex, 1982.

**O USO DE RÓTULOS EM LIVROS DIDÁTICOS
DE HISTÓRIA DO BRASIL EM DIFERENTES ÉPOCAS**

Gabrieli Pereira Bezerra (UFRJ)

gamari@ig.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende identificar e analisar sintagmas nominais não específicos que para terem seus significados explicitados remetem ao contexto. Esses SNs¹⁰ são chamados por Francis (1994) de *rótulos*. Interessa-nos, neste artigo, analisar os modificadores e os determinantes que acompanham o nome-núcleo do rótulo para a construção do sentido. Utilizamos para esta análise um *corpus* constituído de livros didáticos de História do Brasil publicados em diferentes épocas.

1. Fundamentação teórica

1.1. Rotulação

O uso de SNs não específicos é uma das estratégias de referência que Francis (1994) nomeia como rotulação. Entende-se por rótulo o SN não específico que requer uma realização lexical no seu contexto, ou seja, é um elemento nominal que precisa ser especificado no discurso. Esse traço distintivo dos rótulos faz com que funcionem como anafóricos e/ou catafóricos, aproximando-se dos pronomes.

A característica acima é utilizada como critério para a identificação de rótulos, assim, segundo Francis (1994, p. 98), o rótulo deve apresentar-se como equivalente a uma sequência discursiva, e não como repetição ou sinônimo de um elemento antecedente, pois sua característica básica é o fato de o rótulo ser inerentemente inespecífico. Vejamos alguns exemplos:

¹⁰ A partir de agora, utilizaremos SNs por sintagmas nominais.